

A IRRACIONALIDADE DO ATEÍSMO

Um diagnóstico bíblico

Se a evidência recai tão claramente do lado do teísmo, como explicar o fenômeno do ateísmo? Essa questão pode ser muito desconcertante, especialmente porque muitos ateus são pessoas muitíssimo inteligentes. É por isso que temos de rejeitar peremptoriamente a noção de que os ateus são simplesmente obtusos ou débeis-mentais. Por mais que os neoateus – e alguns dos antigos também – queiram declarar que teístas como eu são idiotas por acreditar em Deus, não podemos pagar na mesma moeda. Admitamos que teísmo e ateísmo têm sua parcela de devotos inteligentes e nem tão inteligentes assim. Como observa Christopher Hitchens: “Há no mínimo tantos idiotas crédulos que professam a fé em deus quanto há tolos e estúpidos que chegaram à conclusão oposta”.¹

À luz da irracionalidade do próprio ateísmo, o fato de muitos ateus serem intelectualmente perspicazes sugere que algo diferente de uma explicação racional está acontecendo aqui. Quando pessoas inteligentes seguem em direções irracionais, é hora de procurar uma explicação em algum outro lugar que não na capacidade racional. E a Escritura nos dá uma direção clara de para onde devemos olhar. Considere a declaração do salmista de que “diz o tolo em seu coração: Deus não existe” (Sl 14.1 – NVI). O termo hebraico para “tolo” denota aqui uma pessoa “moralmente deficiente”. E alhures, na literatura de sabedoria do Antigo Testamento, aprendemos os vários sintomas dessa deficiência moral. O livro de Provérbios diz: “o insensato não tem prazer no entendimento” (Pv 18.2), que “os loucos desprezam a sabedoria e o ensino” (Pv 1.7), que “para o insensato, praticar a maldade é divertimento” (Pv 10.23) e que “o insensato encoleriza-se e dá-se por seguro” (Pv 14.16). Observe que nenhuma dessas passagens nega que o insensato seja inteligente ou muito instruído. O que eles de fato apontam é certa corrupção moral que influencia o modo como *usam* suas faculdades cognitivas. Não é de inteligência que carecem, mas de domínio próprio e dos valores corretos.

No Novo Testamento, o apóstolo Paulo dirige-se especificamente ao vínculo causal entre a condição moral do insensato e a função cognitiva.

Isto, portanto, digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos, obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela *dureza do seu coração*, os quais, tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza (Ef 4.17-19, ênfase minha).

¹ HITCHENS, Christopher. *God Is Not Great: How Religion Poisons Everything*. Nova York: Twelve Books, 2007, p. 254.

A raiz do problema, aparentemente, não é a falta de inteligência, mas, antes, a dureza de coração que em si mesma é causada pelo comportamento imoral.² Em outro lugar, Paulo elucida este padrão com mais detalhe:

A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis (Rm 1.18-23).

Nesta passagem, Paulo deixa claro que o problema com aqueles que não creem em Deus não é falta de evidência. Pelo contrário, Deus deixou sua existência e seus atributos tão “claramente reconhecíveis” na criação que a incredulidade é indesculpável. Ele também explica como, apesar disso, alguns rejeitam a verdade, especificamente mediante o comportamento imoral. O caso das evidências em favor de Deus não é ambíguo, segundo Paulo. Em vez disso, a “impiedade” do incrédulo trabalha para “deter” o que é manifesto na natureza. Consequentemente, a capacidade do incrédulo de pensar racionalmente está comprometida, e isso leva a uma conduta ainda mais impiedosa. Prossegue Paulo:

Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si [...]. E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade (Rm 1.24,28-29).

Essa é a espiral descendente do pecado, o círculo vicioso da depravação. O pecado corrompe a cognição, que leva a mais pecado, que dá origem a mais corrupção da mente, e assim por diante. O ponto dominante está claro: o comportamento imoral prejudica a capacidade de pensar direito, pelo menos acerca de certas questões. A partir dessas passagens, parece que os temas centrais aos quais a mente depravada está cega são Deus, ética e certos aspectos da natureza humana.

Um modo de pensar bem comum acerca da relação entre cognição e conduta é considerar que as crenças sempre determinam o comportamento. Temos certa crença e decidimos agir com base nela. Mas as passagens acima sugerem que o inverso também é verdadeiro. Nossas ações podem impactar nossas crenças assim como

² A especificação paulina de “sensualidade” sugere pecados corporais, que incluem não apenas indiscrições sexuais, mas talvez também pecados como glotonaria, preguiça e violência.

nossos desejos. Alguns dos ditos de Jesus confirmam esta ideia, por exemplo quando ele diz:

[...] a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras. Quem pratica a verdade aproxima-se da luz (Jo 3.19-21).

A “luz” aqui pode representar o próprio Jesus ou, de modo mais geral, a verdade de Deus. E, como Paulo ecoaria mais tarde, Jesus enfatiza o papel da impiedade em impedir que as pessoas abracem essa luz. Observemos também que o argumento de Jesus não é que os que praticam o mal ignoram ou rejeitam a luz, mas, na verdade, “odeiam-na”. Se é assim, então deveríamos esperar que alguns ateus manifestassem certo volume de amargor e até revolta diante da ideia de Deus. E, claro, é exatamente o que encontramos entre muitos ateus, sobretudo os líderes do neoateísmo.

É isso também que encontrei em minha experiência pessoal. Ao longo dos anos – três décadas desde minha conversão em 1980 –, testemunhei a queda no ateísmo tragicamente representada na vida de muitos amigos meus. Invariavelmente, sua “mudança de opinião” acerca de Deus foi precipitada por algum tipo de rebelião pessoal. O caminho foi grosseiramente o mesmo em cada caso: deslize moral de algum tipo – envolvendo, por exemplo, infidelidade, ressentimento ou falta de perdão – seguido pelo afastamento do contato com os irmãos de fé, seguido pelas dúvidas crescentes acerca da fé (às vezes envolvendo a leitura de alguns dos neoateus), acompanhada pelo prazer contínuo no respectivo pecado, culminando numa rejeição consciente de Deus. Conforme o desdobrar deste padrão, a raiva e o amargor também cresceriam, tanto perante Deus quanto perante aqueles que continuam a crer nele.³

Não me deterei nos detalhes sórdidos da queda da fé de meus amigos. Como prova, é meramente incidental. Basta dizer que o que observei pessoalmente confirma o modelo descrito por Paulo em Romanos 1. Meu palpite é que leitores atentos reconhecerão o mesmo padrão na vida de seus próprios amigos ou familiares que seguiram um caminho similar.

Podemos resumir o diagnóstico bíblico do ateísmo da seguinte maneira. O problema do ateísmo é rebelião contra a simples verdade de Deus, como claramente revelada na natureza. Essa rebelião é instigada pela imoralidade, que diminui o entendimento e resulta numa ignorância genuína. Não é tanto uma perda da inteligência quanto uma obtusidade intelectual seletiva ou uma impermeabilidade a verdades relacionadas a Deus, ética e natureza humana. Mas a raiz dessa obtusidade é de natureza moral.

Segue-se do diagnóstico bíblico que os argumentos ateístas são um estratagema intelectual para mascarar sua rebelião. A recente enxurrada de livros neoateístas, como toda a história das publicações ateias, equivale a pouco mais do que um subterfúgio literário. As falhas nos argumentos deles são facilmente expostas – sejam questões de falta de lógica, seja de pressupostos falsos. Esses são sintomas posteriores

³ Certa vez, um ex-irmão de fé (e agora um ex-amigo, por insistência dele mesmo) atacou-me violentamente por causa de uma de minhas opiniões publicadas (a saber, a oposição ao casamento gay), chamando-me de “besta quadrada”. Consolei-me com o fato de que este apelido me pôs em companhia de Charlie Brown, que, por toda a sua credulidade e má sorte, é um rapaz muito bom.

de sua descrença deliberada, que assume tanto essa forma ativa (apresentando argumentos ateístas) quanto a forma passiva de ignorar miríades de evidências de Deus, às quais Paulo se refere e que apologistas teístas, de Platão e Tomás de Aquino até C. S. Lewis e Peter Kreeft, têm iluminado incansavelmente. Søren Kierkegaard afirma isso da seguinte forma:

As pessoas tentam persuadir-nos de que as objeções contra o cristianismo surgem da dúvida. Isso é um equívoco completo. As objeções contra o cristianismo brotam da insubordinação, da aversão à obediência, da rebelião contra toda autoridade. Como resultado, as pessoas até agora vêm lutando contra o vento em sua luta contra objeções, porque têm lutado intelectualmente com dúvidas em vez de lutar moralmente com a rebelião.⁴

Embora eu não aconselhe o abandono dos argumentos apologéticos como Kierkegaard o faz (na verdade, tais argumentos foram centrais na conversão de gente como C. S. Lewis e Antony Flew, entre incontáveis outros), seu argumento de que a rebelião é a causa básica do ateísmo é convincente.⁵

Como se faz um ateu de James S. Spiegel © 2020 Editora Cultura Cristã.

⁴ KIERKEGAARD, Søren. *Works of Love: Some Christian Reflections in the Form of Discourses*. Trad. Howard e Edna Hong. Nova York: Harper and Row, 1962, p. 11.

⁵ Alguém pode perguntar como discussões apologéticas puderam ser úteis aos ateus, como o foram para Lewis e Flew, dado que a incredulidade é ocasionada pela rebelião. A resposta, acho, encontra-se no fato de que motivações imorais de ateus e consistência da resolução variam muitíssimo. Alguns se rebelam por um orgulho abjeto, enquanto outros, como veremos nos últimos capítulos, são movidos por um desejo de evitar a vergonha pela conduta perversa. E embora alguns ateus sejam absolutamente resolutos em sua convicção, outros o são bem menos. Um forte argumento teísta pode ajudar a humilhar um ateu orgulhoso levemente convencido e ser usado pelo Espírito Santo para abrir sua mente para Deus. Ou o Espírito Santo pode operar de tal modo no coração do ateu que ele abandona a conduta perversa que lhe ocasionou o ateísmo. Essa pessoa estaria, então, numa posição cognitivamente para perceber e afirmar a importância de certas evidências do teísmo. Em suma, nunca se sabe como o Espírito pode mudar a disposição moral da pessoa de tal maneira que ela já não torna a mente impermeável a argumentos apologéticos.